

Revolução sem ruptura

TARCÍSIO HOLANDA

FHC

O Presidente Fernando Henrique Cardoso continua desfrutando de excelentes níveis de popularidade, apesar dos erros cometidos pelo seu governo, nestes três primeiros meses de atuação. Qualquer pessoa sensata atribuirá esta simpatia popular que desperta a figura do Presidente à estabilização econômica que trouxe o Plano Real.

O programa econômico que garantiu a vitória ao candidato Fernando Henrique Cardoso é o responsável pela posição confortável do Presidente e de seu governo, ainda hoje. O Presidente elegeu as reformas como a razão de ser de seu governo, mas não conseguiu obter o apoio da opinião pública, necessário a fim de dissuadir o Congresso a aprová-las.

O povo não dá maior importância às reformas do Capítulo da Ordem Econômica, as quais não parece compreender. Levado frequentemente pela desinformação, o cidadão comum começa a adotar posição contrária à reforma da Previdência, o que vem contribuindo para modificar a posição de muitos congressistas.

O Governo subestimou a complexidade de suas propostas de mudanças estruturais. Talvez, por isso, não tenha conferido importância a uma grande campanha de esclarecimento da opinião pública. Não apenas uma campanha institucional, mas, também, um trabalho de apostolado no qual se envolvem o Presidente da República e os seus ministros, utilizando os veículos de comunicação de massa.

Está ficando cada vez mais claro que, a seco, não se aprova um conjunto de emendas constitucionais que revoltem os intestinos da Nação para escancarar suas vísceras. São mudanças estruturais que se operam como um furacão via ruptura, via revolução, e não por meio de processo evolutivo da reforma.

Numa democracia, sob uma ordem constitucional que garante as franquias e liberdades e em um Congresso que representa todas as forças sociais, todas delas atingidas por essas propostas de reformas, convenhamos que é uma missão difícil a que se propõe a realizar o presidente Fernando Henrique Cardoso.

O Presidente não tem contado com a solidariedade nem do seu próprio ministério. O natural seria que os ministros estivessem envolvidos na verdadeira guerra que o Presidente trava para viabilizar suas reformas. Também não tem funcionado o sistema de comunicação do Governo, ao qual estaria reservado papel importante na campanha de esclarecimento sobre as reformas.

De todas as mudanças, a mais difícil e a que provoca reações passionais é a do sistema previdenciário. O Governo não terá a menor chance de aprovar a proposta de emenda constitucional sobre previdência, que enviou ao Congresso, se não tiver condições de convencer o cidadão comum de que se trata do único meio de continuar pagando as atuais aposentadorias, evitando-se a completa falência do sistema.

O Governo terá que ir para a rua disposto a fazer uma pública radiografia do sistema previdenciário, mostrando quantos contribuem, quantos recebem aposentadoria e benefícios e qual a relação que, hoje, existe entre os que estão em atividade e os que já gozam os benefícios da inatividade. Enfim, o Governo precisa persuadir o homem comum de que só pela reforma é possível salvar da debacle todo o sistema previdenciário, justificando as mudanças.

O Presidente e os seus ministros precisam se envolver nesta campanha de esclarecimento da opinião pública a fim de persuadir o Congresso a aprovar as reformas. E é claro que esse trabalho de levantamento e mobilização da opinião pública não dispensa a competente articulação no Congresso, não só com os que apóiam o Governo, mas, também, com os que lhe movem oposição.

Como o general que comanda as tropas em uma batalha o Presidente não pode hesitar sob pena de passar impressão de fraqueza. Foi isso o que aconteceu na semana passada, quando alguns porta-vozes palacianos asseguraram que o Presidente estava disposto a sobrestar a proposta de reforma da Previdência em face das fortes resistências encontradas no Congresso e na sociedade. O Presidente precisa mostrar sempre convicção muito forte para não desestimular os seus aliados e correligionários.

■ Tarcísio Holanda é reporter de Política do Jornal de Brasília

2 ABR 1995

JORNAL DE BRASÍLIA